

A formatura das participantes foi celebrada com muita dança, música e poesia. O grupo de estudos corporais integrais e integrados à agroecologia, Micorrizas, encantou a todas/os com a sua apresentação. Já as Danças Circulares, facilitadas por Rubens Calegari, trouxeram o resgate de costumes antigos. “A ciranda nos lembrou do tempo em que a gente era criança. Que bom seria se hoje as músicas fossem assim”, elogiou a agricultora de Vargem Grande, Cristina dos Santos.

Foi feita uma dinâmica em que as agricultoras e técnicas recordaram as atividades que aconteceram desde o primeiro módulo, a fim de avaliar o PFFA e criar estratégias para o prosseguimento das atividades nos municípios. É muito importante criarmos metodologias de avaliação das atividades, cursos e oficinas que realizamos, pois possibilita o aperfeiçoamento do trabalho, a partir da escuta do coletivo.

Ana Zilda Coutinho, a Ana do Mel, comenta o despertar gerado ao longo das formações: “Eu não tinha ideia do quão grave é o problema das mulheres. A gente sabe que as mulheres passam por violência, mas eu não percebia



que era tão sério assim. Fiquei avaliando o que eu ensino para os meus filhos e sei que não é um trabalho que parou, é um trabalho que continua”.

Parabenizamos todas vocês que participaram dessa formação! Acreditamos que estamos mais fortalecidas e organizadas para contribuir com o empoderamento e libertação das mulheres. A articulação a nível local, regional, estadual e nacional também se fortaleceu nesse período através da articulação com espaços representativos de mulheres, como os Grupos de Trabalhos Gênero e Agroecologia,

Mulheres da Articulação Nacional de Agroecologia e Mulheres das Articulações Estaduais.

De fato, o trabalho do “Mulheres e Agroecologia em Rede” continua! Na próxima etapa do projeto a nível Sudeste vão acontecer os módulos do Programa de Formação em Gestão de Empreendimentos Econômicos (PFG), voltados para grupos produtivos de mulheres. O curso busca qualificar empreendimentos econômicos populares e seus assessores, viabilizando a sustentabilidade das iniciativas.

Maria, venha com as outras!
Acompanhe o nosso trabalho nas redes sociais:



O informativo “Maria vem com as outras” é uma publicação do Centro de Tecnologias Alternativas da Zona da Mata. Endereço: Sítio Alfa-Violeira, Zona Rural, Viçosa/MG – cx.pt. 128 CEP: 36570-000 – Tel: (31) 3892 2000 - E-mail: cta@ctazm.org.br / site: www.ctazm.org.br. Texto: Nina Pinheiro. Revisão: Angélica Almeida e Raynan Nunes. Arte gráfica: Oswaldo Santana e Raynan Nunes. Tiragem: 1000 exemplares.



Esta publicação foi produzida como o apoio da União Européia. O conteúdo desta publicação é de exclusiva responsabilidade do Centro de Tecnologias Alternativas -CTA-ZM, e não pode, em caso algum, ser tomado como expressão das posições da União Européia.



Maria vem com as outras

Nº 3, abril de 2015 – Informativo do Projeto Mulheres e Agroecologia em Rede



Olá, companheiras! Esse é o nosso terceiro “Maria vem com as outras”, fruto do último módulo do Programa de Formação Feminismo e Agroecologia (PFFA) da Região Sudeste. Nossa turma contou com 30 agricultoras e técnicas das regiões do Vale do Jequitinhonha, Norte de Minas, Rio Doce, Leste de Minas, Região Metropolitana de Belo Horizonte, São Paulo, Rio de Janeiro e Extremo Sul da Bahia. Vamos dar destaque às principais discussões realizadas e metodologias desenvolvidas. Aproveitem esse material para realização das atividades de multiplicação em suas comunidades e também sempre que precisarem realizar trabalhos com grupos de mulheres.

Boa leitura!

*Eu quero respirar, eu quero é viver.
A agroecologia vamos multiplicar
Se não plantar não nasce
Se só comer não dá
A terra é da boa pra mulherada cultivar
Cadê a couve que estava aqui?
Dona Juju vendeu
O tomate onde está?
Dona Maria comeu
A caderneta agroecológica nos convenceu
E até a minha renda só cresceu
Cadê o frango que estava aqui?
Cristina vendeu
O ovo da galinha? Dona Julia deu
A caderneta boa onde é que está?
Nas mãos da produtora pra seu produto anotar.*



(Paródia das agricultoras em homenagem à Caderneta Agroecológica)



Para entender a Economia Feminista

Como vocês observaram nas outras edições do Maria, nós escolhemos os temas mais importantes do módulo para tratar de forma aprofundada. Falamos sobre o feminismo e sua relação com a agroecologia; abordamos como o sistema patriarcal se estrutura através da divisão sexual do trabalho e todas as violências por ele geradas e destacamos a auto-organização como importante estratégia de resistência às opressões que sofremos.

Dando sequência a esse raciocínio, trataremos aqui a economia feminista. Ela questiona o desprezo pelos trabalhos domésticos e de cuidados (considerados de mulher) nas análises da economia tradicional, com o objetivo de combater as desigualdades de gênero na organização do trabalho e nas esferas produtiva e reprodutiva.

A Economia feminista critica a divisão que existe na sociedade capitalista entre trabalho de mercado (pago com dinheiro) e o trabalho doméstico e de cuidados (geralmente sem remuneração). É necessário desconstruir essa hierarquização, onde trabalho de mercado é mais importante que o trabalho doméstico e de cuidados, realizado em casa, no espaço privado.

O que é o trabalho doméstico e de cuidados?

São todas as atividades e responsabilidades relacionadas aos cuidados com o lar e as pessoas, animais e plantas da família. Por exemplo: administração e limpeza da casa; pagamento de contas; compras; preparação das refeições; cuidado das crianças, jovens, idosos e doentes; trato dos animais, destinação dos resíduos e cuidados com a horta para autoconsumo da família, além de carinho e afeto. Todas essas atividades são fundamentais para manutenção da vida e da saúde de todos e todas, porém nem sempre são divididas as obrigações por todos os membros da casa.

Que mudanças a economia feminista propõe?

Segundo Renata Moreno, da SOF (Sempre Viva Organização Feminista), a Economia Feminista é uma ferramenta que contribui para organizar nossa visão sobre as transformações necessárias, tendo a igualdade como princípio articulador da sociedade que se pretende construir.

Para isso é fundamental que toda sociedade assuma que o trabalho produtivo e o reprodutivo são interdependentes, possuem igual importância e devem ser de responsabilidade de todos/as. Nosso objetivo é que todo/as assumam que o trabalho doméstico e de cuidados é trabalho e dá trabalho, criando estratégias para transformar a vida das mulheres. Por isso, precisamos compreender e conscientizar a sociedade de que a economia não é uma relação entre números e fórmulas e sim uma relação entre pessoas. Debater a economia, elaborar propostas e articular ações para mostrar que a economia não está separada da nossa experiência cotidiana de produção do viver. O caminho para essa transformação continua sendo a nossa auto-organização para exigir de nossos companheiros, familiares, filhos, empresas e do Estado, que arquem com suas responsabilidades: compartilhando tarefas domésticas e de cuidado, abrindo creches e escolas para nossas crianças, melhorando a qualidade da saúde e das opções de lazer, garantindo o direito das mulheres à autonomia econômica e diminuindo a jornada de trabalho.

Quem realiza esse trabalho?

Na maioria das vezes as mulheres, que mesmo trabalhando fora (trabalho produtivo), arcam também com as responsabilidades do trabalho doméstico (reprodutivo), ficando assim sobrecarregadas e sem tempo para se divertirem, descansarem, se dedicarem mais a sua formação profissional, para cuidarem de si mesmas e para participação política.

Quais as consequências dessas desigualdades?

Valorizar e visibilizar apenas o trabalho de mercado beneficia os homens e prejudica as mulheres. O trabalho realizado pelas mulheres, invisível e não remunerado, beneficia os homens, governos e empresas, que usufruem dele sem se responsabilizarem. Desvalorizar o trabalho doméstico e de cuidados sempre foi uma forma de controlar e oprimir as mulheres.

Rádio "Prosa Boa" e os Causos da Caderneta Agroecológica

A dinâmica da rádio pode ser realizada de forma simples e adaptada às realidades de vocês. Serve como um canal de diálogo com a comunidade e também para que as participantes pratiquem a fala em público e a desinibição. Pode ter o nome que as mulheres quiserem e o tema a ser trabalhado varia de acordo com a atividade proposta. Experimentem, só é preciso criatividade! Usamos a "Rádio Prosa Boa" para conversarmos sobre a Caderneta Agroecológica e a importância do registro da produção das mulheres, quer seja para a venda, troca ou autoconsumo. "Antes da caderneta o pessoal era manso. Depois que eu achei esta caderneta eles ficam com vergonha de levar de graça os produtos e trazem umas moedinhas. Algumas mulheres descobriram que por mês alimentavam-se de cerca de R\$ 450,00 só da horta, provavelmente não teriam esse dinheiro para gastar no mercado", relatou uma das agricultoras.



O hábito do registro é uma importante memória da produção. Ele nos ajuda a refletir sobre a dinâmica da propriedade e a visualizar a renda obtida ao final de cada mês.

Oficina Teatro do Oprimido



Teatro do Oprimido é um método criado pelo teatrólogo brasileiro Augusto Boal, na década de 60. Utilizando exercícios, jogos, improvisações e técnicas, este método busca encenar situações de opressão e transformá-las. Uma das modalidades do Teatro do Oprimido que podem ser utilizadas para abordar problemas é o Teatro Fórum. Por exemplo, se na comunidade acontece violência doméstica, pode-se usar o Teatro Fórum para retratar esta realidade e pedir que o público participe da cena apontando soluções para o problema. Com isto, a pessoa que está em uma situação de opressão pode encontrar um caminho para desfazer as amarras dela. Uma dinâmica realizada no PFFA e que pode ser adaptada a qualquer situação foi a "Invasão de território", na qual se encenou a atitude de um homem dentro de um ônibus, que invadia, com cantadas desagradáveis, o espaço de uma mulher. Diferentes mulheres foram colocadas na mesma situação para observarmos e discutirmos as diferentes reações das participantes.